

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
POR UMA CANÇÃO
12 e 19 de Agosto de 2021

MADE IN USA / 1966 (*Made in USA*)

um filme de Jean-Luc Godard

Realização: Jean-Luc Godard / **Argumento:** Jean-Luc Godard, baseado no romance *The Juggler* de Donald E. Westlake (sob pseudónimo Richard Stark / **Direcção de Fotografia:** Raoul Coutard / **Som:** René Levert e Jacques Maumont / **Montagem:** Françoise Collin e Agnès Guillemot / **Interpretação:** Anna Karina (Paula Nelson), Jean-Pierre Léaud (Donald Siegel), Laszlo Szabo (Richard Widmark), Mariane Faithfull (ela própria), Ernest Menzer (Edgar Typhus), Kyoko Kosaka (Doris Mizoguchi), Yves Afonso (David Goodis), Marc Dudicourt (barman), Remo Forlani (operário no bar), Sylvain Godet (Robert MacNamara), Claude Bouillon (inspector Aldrich), Claude Bakka (acompanhante de Marianne Faithfull), Jean-Pierre Biesse (Richard Nixon), Jean-Luc Godard (voz de Richard Politzer), etc.

Produção: Anouchka Films – Rome-Paris Films / **Produtor:** Georges de Beauregard / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada em espanhol e electronicamente em português, 85 minutos / **Estreia em Portugal:** Estúdio, a 2 de Junho de 1972.

“*Gauche, année zero*”, lê-se algures num intertítulo de **Made in USA**. Tratando-se de Godard, cineasta que desde sempre fez passar tantas coisas de filme para filme (e ainda mais neste fértilíssimo período da sua obra dos anos 60) toda a peremptória tentativa de datação arrisca-se a ser contrariada. Mas entendamos, como Godard parece querer que façamos, essa inscrição sobre o “ano zero da esquerda” enquanto proclamação de um momento inicial: é a partir de **Made in USA** que germina o Godard directa e (por vezes) militantemente político do final da década de 60, de **La Chinoise** (realizado logo no ano seguinte) aos filmes com o Grupo Dziga Vertov.

Uma das coisas geniais de **Made In USA** reside no facto de Godard ter integrado um discurso político (ou sobre a política) de contexto e referências bastante “realistas” numa espécie de alegoria que não anda muito longe da ficção científica: esta Atlantic City, cidade francesa onde tudo se passa e cujo nome exorbita de significados, não está assim muito distante (mesmo “geograficamente”, diríamos) da Alphaville do homónimo filme de 1965. Opacidade e paranóia: são estas as tintagens com que Godard cobre a política “institucional” (a francesa, a internacional, e a relação entre as duas), enquanto vasta rede de interesses conflituosos ou cúmplices, e um sem número de segredos inconfessáveis. Como se insinua mais do que uma vez nos diálogos do

filme, penetrar na política é penetrar num reino da "obscuridade": "*Et l'affaire Ben Barka, elle est claire?*". **Made in USA**, até certo ponto, não é mais do que uma construção desse mundo, fechado e claustrofóbico (predominam as cenas de interiores), codificado e enigmático (já houve quem se lembrasse de aproximar **Made in USA** de um filme "incompreensível" como o **The Big Sleep** de Hawks, e é uma aproximação com toda a pertinência), e numa palavra que sintetiza todas as outras, perigoso. "Um filme de Walt Disney com sangue", logo, "um filme político", diz outro dos mais célebres diálogos deste filme (ao princípio, a proposta era mais romântica: "Um filme de Walt Disney com Humphrey Bogart", mas a personagem de Anna Karina vai descobrir que, de certo modo, mesmo Bogart ainda é Walt Disney). Evidentemente, "Walt Disney com sangue" não é só um "statement" político, é também uma ideia estética (exactamente como, na **Chinoise**, os "filhos de Marx e da Coca Cola"), que em grande parte explica as cores muito "pop art" de **Made in USA**, a coexistência de cartazes políticos e "placards" publicitários; mas também é como se Godard dissesse que o mundo de Walt Disney (um mundo de conto de fadas, um mundo do "maravilhoso") está manchado pelo sangue, e que isso não pode ser ignorado. Os homens foram expulsos de todos os paraísos (mesmo os ideológicos), a única hipótese, esperança ou desejo é essa refundação, o tal "ano zero". Em 1966, Godard sonhava já com o Maio de 1968.

Por outro lado (e também é por isso que o filme é "made in the USA"), para Godard o mundo acabou por ficar parecido com um filme americano – com um "film noir", tão a propósito num reino da obscuridade – ou, o que vai dar quase ao mesmo, o mundo contemporâneo pode ser descrito recorrendo a figuras (personagens e narrativas) de um filme americano – não é apenas pela personagem do Inspector Aldrich que a dado passo nos ocorre o **Kiss Me Deadly** de Robert Aldrich. Ainda por isso, este pode ser um filme onde as personagens do cinema, de Richard Widmark (Laszlo Szabo) a Don Siegel (Jean-Pierre Léaud) coexistem com as personagens da política, Richard Nixon e Robert MacNamara, aqui nomes de polícias. E como não há mundo que, por mais opressivo que seja, não aguente uma "private joke" cinéfila, numa cena a instalação sonora chama repetidamente o "Dr Ludwig, Édouard Ludwig".

Vale a pena frisar ainda a profunda melancolia de **Made in USA**. Cruzada com todas as intrigas políticas e policiais, encontramos uma história de luto, o luto de Anna Karina pelo seu amante desaparecido. Esse luto, essa tristeza, funcionam como "âncora" para todo o filme, atrasam-no, matizam-no, sacodem-lhe o desumanismo maniqueísta: é Walt Disney "avec de la douleur".

Luis Miguel Oliveira